

## FICHA TÉCNICA

Título original: *Marx's Capital, 6<sup>th</sup> Edition*

Autores: *Ben Fine e Alfredo Saad-Filho*

Copyright © Ben Fine, Alfredo Saad-Filho, 2016

Edição original publicada por Pluto Press, London, [www.plutobooks.com](http://www.plutobooks.com)

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2018

Tradução: *João Vasco Fagundes*

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Capa: Cortesia de *Marx Memorial Library, London*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.<sup>a</sup> edição, Lisboa, janeiro, 2018

Depósito legal n.º 434 066/17

Reservados todos os direitos  
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à  
EDITORIAL PRESENÇA  
Estrada das Palmeiras, 59  
Queluz de Baixo  
2730-132 Barcarena  
[info@presenca.pt](mailto:info@presenca.pt)  
[www.presenca.pt](http://www.presenca.pt)

## ÍNDICE

<i>Prefácio à sexta edição</i> .....	11
<b>1. <i>História e método</i></b> .....	17
A filosofia de Marx .....	17
O método de Marx .....	20
A economia de Marx .....	24
Informação complementar e sugestões de leitura .....	27
<b>2. <i>Produção de mercadorias</i></b> .....	29
A teoria do valor-trabalho .....	30
Trabalho e força de trabalho .....	37
O fetichismo da mercadoria .....	39
Informação complementar e sugestões de leitura .....	43
<b>3. <i>Capital e exploração</i></b> .....	45
Troca .....	45
Capital .....	47
Mais-valia e exploração .....	49
Mais-valia absoluta e mais-valia relativa .....	53
Maquinaria e inovações técnicas .....	57
Trabalho produtivo e trabalho improdutivo .....	58
Informação complementar e sugestões de leitura .....	60

4. <i>O circuito do capital industrial</i> .....	63
O circuito do capital-dinheiro .....	63
O circuito total .....	65
Informação complementar e sugestões de leitura .....	70
5. <i>Reprodução económica</i> .....	71
Reprodução simples .....	71
Reprodução alargada .....	73
Reprodução social .....	78
Informação complementar e sugestões de leitura .....	80
6. <i>Acumulação de capital</i> .....	82
Acumulação primitiva .....	82
O desenvolvimento da produção capitalista .....	87
Concorrência e acumulação do capital .....	90
Informação complementar e sugestões de leitura .....	94
7. <i>Capitalismo e crise</i> .....	96
Teoria marxiana da acumulação e crise .....	96
Possibilidades de desencadeamento de uma crise .....	98
Acumulação, crise e o desenvolvimento do proletariado .....	102
Informação complementar e sugestões de leitura .....	106
8. <i>As composições do capital</i> .....	108
A composição técnica do capital .....	108
A composição orgânica e a composição de valor .....	109
Informação complementar e sugestões de leitura .....	112
9. <i>A queda da taxa de lucro</i> .....	114
Resumo do argumento .....	114
A lei como tal e as contratendências .....	116
As contradições internas da lei .....	118
As implicações empíricas da lei .....	120

LQTTL e teoria da crise .....	122
Uma resposta a Okishio .....	124
Informação complementar e sugestões de leitura .....	128
10. <i>O chamado «problema da transformação»</i> .....	129
Dos valores aos preços de produção .....	130
A solução de Marx para o «problema da transformação» e os seus críticos .....	132
Informação complementar e sugestões de leitura .....	135
11. <i>Capital mercantil</i> .....	137
A categoria marxiana de capital mercantil .....	137
Preços de produção modificados .....	139
O capital mercantil a um nível mais complexo .....	140
Informação complementar e sugestões de leitura .....	143
12. <i>O capital bancário e a teoria do juro</i> .....	144
Capital portador de juro .....	145
O capital-dinheiro e o sistema financeiro .....	146
O juro como categoria económica .....	149
Informação complementar e sugestões de leitura .....	153
13. <i>A teoria marxiana da renda agrícola</i> .....	155
Renda diferencial 1 .....	156
Renda diferencial 2 .....	158
Renda absoluta .....	161
Informação complementar e sugestões de leitura .....	166
14. <i>Financeirização, neoliberalismo e a crise</i> .....	168
A crise de financeirização .....	169
Neoliberalismo e crise .....	172
O marxismo perante a crise .....	174
Crise e luta de classes .....	177
Informação complementar e sugestões de leitura .....	180

15. <i>O marxismo e o século XXI</i> .....	181
Classe .....	182
O Estado e a globalização .....	186
O ambiente do capital .....	188
Socialismo .....	190
Informação complementar e sugestões de leitura .....	193
 <i>Bibliografia</i> .....	 195
<i>Índice remissivo</i> .....	206
<i>Agradecimentos</i> .....	215

## HISTÓRIA E MÉTODO

Durante a sua vida adulta, Marx procurou sempre a transformação revolucionária da sociedade capitalista; através dos seus escritos, como é de todos conhecido, mas também através da agitação e da organização da classe trabalhadora — entre 1864 e 1876, por exemplo, foi um dos líderes da Primeira Associação Internacional dos Trabalhadores. Nas suas obras, Marx procura revelar o processo geral da transformação histórica com o duplo objetivo de aplicar a compreensão desse processo a tipos particulares de sociedade e de realizar estudos concretos de situações históricas específicas. Este capítulo expõe abreviadamente o desenvolvimento intelectual de Marx e os traços principais do seu método. Nos restantes capítulos, são analisados com maior detalhe outros aspetos do seu trabalho, especialmente os que se encontram nos três livros de *O Capital*, a principal obra de economia política de Marx.

### A filosofia de Marx

Karl Marx nasceu na Alemanha em 1818 e começou por estudar Direito na universidade. Os seus interesses rapidamente se voltaram para a Filosofia, que, nessa altura, era dominada por Hegel e pelos seus discípulos. Eles eram idealistas, uma vez que consideravam a realidade como resultado de um sistema de conceitos que se encontra em processo de desenvolvimento, ou como movimento em direção à «Ideia Absoluta», cuja estrutura liga o relativamente abstrato ao progressivamente mais concreto.

Os hegelianos consideravam que o progresso intelectual explica o progresso nos tipos de regime político, na cultura e noutras formas da vida social. Logo, o estudo da consciência é a chave para a compreensão da sociedade e a história é um palco no qual instituições e ideias combatem pela hegemonia. Neste conflito ininterrupto, cada estágio de desenvolvimento é um avanço em relação aos que o precederam, mas também retém e transforma elementos dos estádios anteriores; isto é, cada estágio de desenvolvimento contém os gérmenes da sua própria transformação num estágio superior. Hegel chamou a este processo de mudança — no âmbito do qual as ideias novas, mais do que derrotarem as antigas, resolvem conflitos ou contradições no seu interior — a *dialética*.

Hegel faleceu em 1831. Quando Marx era ainda um jovem universitário, dois grupos opostos de hegelianos, os Jovens (radicais) e os Velhos (reacionários), reclamavam ambos ser os sucessores legítimos de Hegel. Os Velhos Hegelianos consideravam que a monarquia absoluta prussiana, a religião e a sociedade representavam a realização triunfante da Ideia no seu progresso dialético. Por contraste, os Jovens Hegelianos, perigosamente antirreligiosos, consideravam que o progresso intelectual estava ainda longe de ter sido alcançado. O cenário estava montado para uma batalha entre as duas escolas, cada uma delas julgando que a sua vitória anunciava o progresso da sociedade alemã. Tendo observado o absurdo, a pobreza e a degradação de uma grande parte da vida alemã, Marx identificou-se inicialmente com os Jovens Hegelianos.

No entanto, a sua simpatia pelos Jovens Hegelianos durou muito pouco tempo, em grande medida por influência de Feuerbach, que era um materialista. Isto não significa que Feuerbach estivesse desapidadamente interessado no seu próprio bem-estar — de facto, as suas concepções dissonantes custaram-lhe a carreira académica. Ele defendia que, em vez de ser a consciência humana a dominar a vida e a existência, são as necessidades humanas que determinam a consciência. Em *A Essência do Cristianismo*, Feuerbach sustentou uma simples mas brilhante polémica contra a religião. Os seres humanos tinham necessidade de Deus porque a religião satisfazia uma necessidade humana de ordem emocional. Para satisfazê-la, os seres humanos haviam projetado as suas melhores qualidades na figura

de um Deus, venerando depois a tal ponto o que, de modo imaginativo, tinham criado no pensamento que Deus acabou por assumir na consciência humana uma existência independente. Para voltar a adquirir a sua humanidade, as pessoas precisavam de pôr no lugar do amor por Deus o amor dos seres humanos uns pelos outros.

Esta perspicácia chamou imediatamente a atenção de Marx. Inicialmente, Marx criticou Feuerbach por este entender as pessoas, não como seres sociais, mas enquanto indivíduos esforçando-se por realizar uma determinada «natureza humana». Contudo, Marx ultrapassou rapidamente o materialismo de Feuerbach. Fê-lo de duas maneiras. Em primeiro lugar, estendeu a filosofia materialista de Feuerbach a todas as ideias dominantes prevalecentes na sociedade; estendeu-a, para além da religião, à ideologia e às concepções mais comuns sobre o conjunto da sociedade. Em segundo lugar, alargou à história as ideias de Feuerbach. As análises de Feuerbach tinham sido inteiramente a-históricas e não-dialéticas: os seres humanos satisfazem uma necessidade de ordem emocional através da religião, mas as origens e a natureza dessa necessidade permanecem inexplicadas e inalteradas, a despeito de ela ser ou não satisfeita por Deus. Marx vê a solução para este problema nas condições materiais. No pensamento de Marx, a consciência humana é crucial, mas ela só pode ser compreendida na sua relação com as circunstâncias históricas, sociais e materiais. Deste modo, Marx estabelece uma relação estreita entre dialética e história, o que haveria de tornar-se uma pedra angular do seu próprio método. A consciência é primordialmente determinada por condições materiais; porém, as próprias condições materiais desenvolvem-se dialeticamente no decurso da história humana.

Revela-se aqui uma característica comum ao pensamento de Hegel, ao dos seus vários discípulos e críticos e ao de Marx: a consideração de que as coisas nem sempre aparecem, na sua imediatez, tal como efetivamente são. Para Feuerbach, por exemplo, Deus não existe senão na mente do homem, mas aparenta existir, ou assim é tomado, como um ser independente, capaz, dessa forma, de satisfazer uma necessidade humana. No capitalismo, o mercado de trabalho livre esconde a exploração; a existência de democracia política sugere que, em vez da realidade de instituições políticas



que suportam a reprodução dos privilégios e do poder, vigora a igualdade. Este divórcio entre realidade (conteúdo, ou essência) e modo de aparecer (forma) é um aspeto central do pensamento dialético de Marx. É ele que estabelece a articulação entre os conceitos abstratos (tais como classe, valor e exploração) e a sua presença na vida quotidiana (por intermédio de salários, preços e lucros).

Marx coloca a si próprio a tarefa de investigar a conexão e as contradições, desde logo no capitalismo, entre o abstrato e o concreto. Trata-se, de acordo com Marx, de um encargo extremamente exigente, uma vez que, segundo as suas próprias palavras (pertencentes ao Prefácio à edição francesa de *O Capital*, datado de 1872), «não há estrada real para a ciência». O projeto implica adotar um método apropriado, um ponto de partida judicioso na escolha dos conceitos abstratos (o ponto de partida para a análise) e um desdobramento meticoloso do conteúdo histórico e do conteúdo lógico de cada novo conceito, por forma a revelar a relação entre o modo como as coisas são e o modo como elas parecem ser.

Muito importante — como se tornará claro a partir da discussão que Marx empreende sobre o fetichismo da mercadoria (capítulo 2) — é o facto de as aparências não serem necessariamente apenas falsas ou ilusórias, como acontece, por exemplo, com as crenças religiosas a respeito da existência de Deus. Assim como os poderes do monarca ou do padre não deixam de existir quando nos tornamos, respetivamente, republicanos ou ateus, também os salários, os lucros e os preços não perdem a sua existência quando neles se reconhece a forma de organização da exploração no capitalismo. Porque as aparências, no caso dos salários, dos preços e dos lucros, são parte e parcela da própria realidade, manifestando e simultaneamente ocultando aspetos mais fundamentais do capitalismo que uma dialética adequada tem por objetivo revelar. Como é que tal complexidade há de ser deslindada?

## O método de Marx

Contrastando com os seus vastos escritos sobre economia política, história, antropologia, temas de atualidade e muitas outras

matérias, Marx nunca escreveu uma obra detalhada sobre o seu método. Isto deve-se à circunstância de o trabalho de Marx ser antes de tudo uma crítica do capitalismo e dos seus apologistas, no âmbito da qual a metodologia, sem deixar de ser essencial, desempenha fundamentalmente um papel de suporte e está invariavelmente imersa nos próprios argumentos. Assim, o método de Marx não pode ser reduzido a um conjunto de regras universais: no tratamento de cada problema, devem desenvolver-se aplicações específicas da sua dialética materialista. O exemplo mais conhecido da aplicação do método de Marx é o exame crítico do capitalismo levado a cabo em *O Capital*. Nesta obra, a abordagem de Marx apresenta cinco importantes características gerais. Elas serão convocadas e apuradas, muitas vezes de forma implícita (como acontece, na verdade, no *corpus* dos próprios escritos de Marx), ao longo do nosso livro.

Em primeiro lugar, os fenómenos e os processos sociais existem e podem ser compreendidos apenas no seu contexto histórico. Generalizações trans-históricas, supostamente válidas para todos os lugares e para todo o sempre, normalmente ou são inválidas, ou são vazias, ou são as duas coisas em simultâneo. As sociedades humanas são imensamente flexíveis. Elas podem ser organizadas de maneiras profundamente diferentes e apenas análises detalhadas de cada uma podem oferecer conceções válidas acerca da sua estrutura interna, do seu modo de funcionamento, das suas contradições, transformações e limites. Marx considera, em particular, que as sociedades se distinguem pelo modo de *produção* sob o qual estão organizadas — o feudalismo por oposição ao capitalismo, por exemplo —, emergindo, no quadro desses modos de produção, uma variedade de formas em diferentes tempos e em diferentes espaços.

Cada modo de produção está estruturado de acordo com as relações de classe que lhe são próprias; para cada um há categorias de análise adequadas. Tal como um trabalhador assalariado, a quem é pago um salário, não é um servo, e muito menos um escravo, também um capitalista, que recebe lucro em vez de um tributo, não é um barão feudal. As sociedades distinguem-se pelos modos de produção e pelas modalidades de extração de mais-valia sob

as quais estão organizadas (e não pelas estruturas de distribuição) e os conceitos usados para compreendê-las devem, também eles, ser específicos.

Em segundo lugar, a teoria perde a sua validade se ultrapassar os seus limites históricos e sociais. É uma consequência da necessidade de os conceitos serem extraídos das sociedades que têm por objetivo refletir. Por exemplo, Marx afirma que no capitalismo os trabalhadores são explorados porque produzem mais valor do que aquele de que se apropriam através do salário (ver o capítulo 3); é a origem da mais-valia. Esta conclusão, assim como a noção correspondente de mais-valia, só é válida para as sociedades capitalistas. Podem lançar alguma luz, indireta, sobre a exploração noutras sociedades, mas os modos de exploração e as raízes da transformação social e económica nestas sociedades precisam de ser novamente procurados — a análise do capitalismo, mesmo se correta, não fornece automaticamente os princípios para a compreensão das sociedades não-capitalistas.

Em terceiro lugar, a análise de Marx é internamente estruturada pela relação entre teoria e história. Ao contrário do idealismo hegeliano, o método de Marx não se baseia em deduções conceptuais. Para ele, os raciocínios puramente conceptuais são limitados, pois tornam impossível avaliar de que forma e por que razão as relações que o investigador elabora na cabeça deverão corresponder às do mundo real. Em termos mais gerais, o erro do idealismo é procurar explicar a realidade, primordialmente, pelo desenvolvimento conceptual, apesar de a realidade existir histórica e materialmente fora da cabeça. Em jeito de brincadeira, Marx aventou que, se os Jovens Hegelianos pudessem simplesmente deixar de acreditar nas leis da gravidade, conseguiriam aboli-las! Marx, ao contrário, reconhece que a realidade é modelada por estruturas sociais e por tendências e contratendências (que, mediante a utilização de instrumentos analíticos adequados, podem ser dialeticamente deduzidas), assim como por contingências imprevisíveis (que são historicamente determinadas e não podem ser deduzidas desse modo). Os resultados das interações destas tendências podem ser explicados tanto à medida que se desenrolam, como retrospectivamente, mas não podem ser determinados antecipadamente. Consequentemente,

apesar de a dialética materialista poder ajudar na compreensão do passado e do presente, é impossível prever o futuro [a análise de Marx da lei da queda tendencial da taxa de lucro (LQTTL) e das suas contratendências é um exemplo eloquente desta perspetiva; ver o capítulo 9]. O reconhecimento, por Marx, de que a análise histórica é parte intrínseca do método de estudo (ou que história e lógica são inseparáveis) não é uma concessão ao empirismo; trata-se tão-só da constatação de que uma realidade em constante transformação não pode ser reduzida a um sistema de conceitos, e muito menos ser determinada por ele.

Em quarto lugar, a dialética materialista identifica os conceitos-chave, as estruturas, as relações e os níveis de análise requeridos para a explicação do concreto, ou seja, de resultados mais complexos e mais específicos. Em *O Capital*, Marx emprega a dialética materialista para identificar os traços essenciais e as contradições do capitalismo, para explicar a estrutura e a dinâmica deste modo de produção e para encontrar as fontes potenciais da transformação histórica; por exemplo, através da luta de classe, em particular, e da sua representação sob a forma, por vezes mais lata, de intrincados conflitos económicos, políticos e ideológicos. O seu estudo apresenta, sistematicamente, conceitos mais complexos e mais concretos, utilizados para reconstruir as realidades do capitalismo a nível do pensamento. Esses conceitos ajudam a explicar o desenvolvimento histórico do capitalismo e assinalam as suas contradições e vulnerabilidades. Deste modo, coexistem sempre nas análises de Marx conceitos com níveis distintos de abstração. Para oferecer uma explicação da realidade mais rica e mais determinada, o progresso teórico inclui a introdução de novos conceitos, a reprodução e o aperfeiçoamento dos conceitos existentes, elevando-os a níveis maiores de concreção e de complexidade, e a apresentação de factos históricos.

Finalmente, o método de Marx faz incidir o seu foco sobre a transformação histórica. No *Manifesto do Partido Comunista*, no Prefácio à *Contribuição para a Crítica da Economia Política* e na Introdução aos *Grundrisse*, Marx resume de forma célebre a sua visão acerca da relação entre estruturas de produção, relações sociais (especialmente de classe) e transformação histórica. Por vezes, as concepções de Marx têm sido interpretadas de forma mecânica, como se o

desenvolvimento supostamente unilinear da tecnologia conduziu, sem constrangimentos, a transformação histórica — o que faria com que a transformação social fosse estritamente determinada pelo desenvolvimento da produção. É uma interpretação incorreta do pensamento de Marx. Entre tecnologia, sociedade e história (e outros fatores) vigoram relações complexas; sob formas, porém, que são invariavelmente influenciadas pelo modo de organização social e, especificamente, pelas relações de classe e pelas lutas de classe. No capitalismo, por exemplo, o desenvolvimento tecnológico é conduzido principalmente pelo imperativo do lucro, que atravessa toda a atividade comercial. No feudalismo, a produção de bens de luxo, de serviços (militares) e, até certo ponto, de utensílios agrícolas é essencial, o que, na ausência, em termos comparativos, da mola impulsionadora do lucro e dada a relativa inflexibilidade do modo de organização social, limita o alcance e o ritmo do desenvolvimento técnico. Marx sugere, por contraste, que em sociedades socialistas (comunistas) o desenvolvimento tecnológico procuraria eliminar os trabalhos repetitivos, fisicamente árduos, inseguros e nocivos para a saúde, reduzir globalmente o tempo de trabalho, satisfazer necessidades básicas e desenvolver o potencial humano (ver o capítulo 15).

## A economia de Marx

Em 1845-6, quando escrevia com Engels *A Ideologia Alemã* e as *Teses sobre Feuerbach*, Marx começara já a ser influenciado pelos socialistas franceses. As ideias desses socialistas não podem ser discutidas aqui em detalhe. É suficiente dizer que eles se nutriram da herança radical da Revolução Francesa e do fracasso da sociedade burguesa emergente na realização das exigências de «*liberté, égalité, fraternité*». Os socialistas franceses estavam também profundamente envolvidos nas lutas políticas de classe e muitos acreditavam na necessidade e na possibilidade da tomada revolucionária do poder pelos trabalhadores.

A síntese elaborada por Marx entre a filosofia alemã e o socialismo francês teria ficado incompleta sem a sua crítica da economia política inglesa, que ele estudou mais tarde, especialmente durante

o longo exílio em Londres de 1849 até à sua morte, em 1883. Tendo em conta as suas concepções de filosofia e de história, explicadas mais acima, foi natural que Marx dirigisse a atenção para a economia com o objetivo de compreender a sociedade capitalista contemporânea e de identificar o seu poder, as suas limitações e a transformação em comunismo que carrega como potencial. Para tal, Marx mergulhou na economia política inglesa, desenvolvendo, em particular, a teoria do valor-trabalho a partir dos trabalhos de Adam Smith e, especialmente, de David Ricardo. Para Marx, é insuficiente alicerçar a fonte do valor no tempo de trabalho despendido na produção, como supõe Ricardo. Porque a concepção de Ricardo dá por garantida a existência da troca, dos preços e das mercadorias. O facto de as mercadorias conterem mais valor por incorporarem mais trabalho põe o problema de saber por que razão há, afinal, mercadorias, já para não falar da questão de se é ou não pertinente proceder como se, em geral, as mercadorias se trocassem na proporção do tempo de trabalho necessário para a sua produção. Isto antecipa o próximo capítulo, mas ilustra uma característica fundamental do método de Marx e uma das críticas mais comuns que Marx faz a outros autores. Marx deteta noutros economistas não só erros de conteúdo mas também objetivos inadequados. O que os economistas tendiam a assumir como características intemporais do homem e das sociedades, Marx estava decidido a apreender e a compreender no seu contexto histórico.

A necessidade de a sociedade, como um todo, trabalhar para produzir e consumir é, de facto, um dado adquirido para Marx. No entanto, a maneira segundo a qual a produção é organizada e o produto é distribuído tem de ser revelada. Muito sucintamente, Marx argumenta que as pessoas, ao trabalharem (ou não) — isto é, ao produzirem as condições materiais para a sua reprodução permanente —, entram em relações sociais determinadas umas com as outras: como escravos ou donos de escravos, servos ou senhores, assalariados ou capitalistas, etc. Os padrões de vida são determinados por estas condições sociais de produção e pelo preenchimento dos lugares que gravitam à sua volta. Estas relações existem independentemente da escolha individual, ainda que tenham sido estabelecidas no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade

(por exemplo, ninguém pode «escolher» ocupar a posição social de proprietário de escravos nas atuais sociedades capitalistas e mesmo a «escolha» entre ser um capitalista ou um trabalhador assalariado não está livremente disponível para toda a gente, e certamente não o está em condições de igualdade).

Em todas as sociedades, exceto nas mais simples, as relações sociais de produção próprias de um modo de produção particular (feudalismo, capitalismo, etc.) são mais corretamente estudadas enquanto relações de classe. Estas relações são a base sobre a qual a sociedade é construída e continuamente se reproduz. Assim como a liberdade de possuir, comprar e vender é uma característica jurídica fundamental da sociedade capitalista, a vassalagem e as obrigações divinas e tributárias são os fundamentos jurídicos do feudalismo. Além disso, também são estabelecidas formas políticas, jurídicas, intelectuais e de distribuição que se apoiam reciprocamente e que tendem a limitar e a desencorajar, pela força do hábito, da moralidade, da educação, da lei, ou de qualquer outro modo, todas as concepções acerca da sociedade que não sejam as mais convencionais. O servo sente-se vinculado, por lealdade, ao senhor e ao rei, com frequência por meio da Igreja, e qualquer vacilação pode ser severamente punida. O assalariado tem liberdade para vender a força de trabalho e ao mesmo tempo é compelido a fazê-lo. Pode haver lutas por aumentos salariais, mas isso não põe em causa o sistema do assalariamento ou o quadro jurídico e institucional que lhe dá suporte, o qual vai da negociação coletiva à segurança social e aos sistemas de crédito, etc. Pelo contrário, investigar em profundidade a *natureza* do capitalismo é considerado reprovável pelas autoridades, pelos meios de comunicação social, pela justiça e por outras vozes dominantes na sociedade. Enquanto a dissensão individual é frequentemente tolerada, as grandes organizações anticapitalistas e os movimentos de massas são ou reprimidos ou pressionados a assumir posturas de conciliação, sendo o protesto, por exemplo, sistematicamente canalizado para formas aceitáveis.

Neste contexto, Marx castiga os economistas políticos clássicos e os utilitaristas por assumirem que determinadas características do comportamento humano, como o egoísmo ou a ganância, são traços permanentes da «natureza humana», quando na realidade

são características, motivações e comportamentos que despontam nos indivíduos por intermédio da sua vida em sociedades específicas. Esses teóricos também dão por adquiridos certos traços da sociedade capitalista que Marx considera ser necessário explicar: o monopólio dos meios de produção (matérias-primas, maquinaria, instalações fabris, etc.) detido por uma pequena minoria, o assalariamento da maioria, a distribuição dos produtos por via da troca monetária e a forma da remuneração ligada às categorias económicas de preço, lucro, juro, renda, salário, honorário e transferência.

A teoria do valor de Marx é uma contribuição penetrante para a ciência social, na medida em que trata das relações que as pessoas estabelecem entre si e não de relações técnicas entre coisas ou da arte da poupança. Marx não está interessado em construir uma teoria do preço, um conjunto de «critérios de eficiência» desencarnados, válidos para todos os tempos e lugares, ou uma série de proposições sobre o bem-estar; ele nunca teve a intenção de ser um «economista», nem mesmo um economista político clássico (inglês). Marx foi um cientista social crítico, cuja obra atravessa (e rejeita) as fronteiras que separam as disciplinas académicas. As questões cruciais para Marx dizem respeito à estrutura interna e às fontes da estabilidade e das crises no capitalismo e ao modo como a vontade de transformar o modo de produção se pode tornar numa atividade transformadora (revolucionária) bem-sucedida. São questões que permanecem válidas no século XXI.

### **Informação complementar e sugestões de leitura**

Há várias biografias de Marx disponíveis; ver, por exemplo, Mary Gabriel (2011), David McLellan (1974), Franz Mehring (2003), Francis Wheen (2000). O percurso intelectual de Marx é analisado por Allen Oakley (1983, 1984, 1985) e por Roman Rosdolsky (1977). A história da economia marxiana é examinada de forma abrangente por Michael Howard e John King (1989, 1991); ver também Ben Fine e Alfredo Saad-Filho (2012). Os conceitos-chave utilizados na literatura marxiana são explicados de forma autorizada em Tom Bottomore (1991).